

A fronteira de fricção

LIMA, Wendell Teles de¹

Universidade do Estado do Amazonas

TANANTA, Cleuter Tenazor²

Universidade do Estado do Amazonas

OLIVEIRA, Ana Maria Libório de³

Instituto Federal do Paraná

SILVA, Iatijara Oliveira da⁴

Universidade do Estado do Amazonas

¹ Professor Efetivo do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga/Universidade do Estado do Amazonas. Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR -2015). Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (2008), Especialista em Turismo e Gestão Territorial pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM (2003), Bacharel em Geografia e Licenciado pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Tem como foco área Gestão do Território voltado para a Análise Geopolítica da realidade Amazônica, Brasileira, Sul-Americana e Cenário Internacional, tem experiência na área de Geografia tanto no área do ensino fundamental, médio e superior sendo a ênfase das pesquisas desenvolvidas na área de Geografia Humana e Geografia Política e Geopolítica. É líder do Grupo de Estudos Geográficos Certificado pela Universidade do Estado do Amazonas onde trabalha com a linhas de Pesquisa Território e Política e Ensino de Geografia, Desenvolvimento Sustentável e Questões Ambientais Fronteiriças.

² Graduação em Curso Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (2005). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação. Especialista em Didática do Ensino Superior- Faculdade Tâhirih-ISEAMA Instituto Superior de Educação do Amazonas-2008.

³ Mestrado em Estudos Amazônicos pela Universidade Nacional de Colômbia - UNAL/CO (2010), Título revalidado pela Universidade Federal do Amazonas equivalente ao Título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Especialista em Docência do Ensino Superior - UCAM/RJ (2003) e Graduada em Licenciatura em Ciências e Licenciatura em Matemática pela Universidade de Araxá - MG (1999). Aprovada pela Banca no Reconhecimento de Saberes e Competências no Instituto Federal de Goiás para o RSC III. Pesquisadora, líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Sociedade - NEPECS/CNPQ e membro do Grupo de Pesquisa Estudos Geográficos - GPEG/CNPQ. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, com experiência na área de Física, Química, Biologia e Matemática. Sobretudo, atuando na Formação dos Cursos de Engenharia, Tecnologia e Licenciatura, promovendo as Tendências no Ensino da Matemática em Modelagem, Etnomatemática e Tecnologia, assim como Matemática Aplicada.

⁴ Possui graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Amazonas, é doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos e possui mestrado em Genética e Evolução pela mesma instituição. Tem experiência na área de Genética e em Ensino de Ciências e Biologia, atuando principalmente nos seguintes temas: genética e evolução, ensino de ciências e biologia, aprendizagem significativa, ludicidade e divulgação científica.

Resumo

A fronteira foi concebida na teoria ratzeliana como órgão periférico do Estado apesar de sua conotação orgânica dada pelo geógrafo geopolítico alemão Ratzel demonstra a importância desse espaço na constituição do território onde estabelece na realidade um campo de forças que atuam a favor e contra aos espaços nacionais constituintes sendo, portanto, uma característica de formação em virtude de ser ponto de encontro de forças diferenciadas, no caso, do qual se refere os Estados. A proteção, controle, projeção, manutenção fazem parte desse repertório de sua formação e origem e ainda aparecem em virtudes de vários fenômenos existentes dentro desse espaço de contato. Nosso objetivo é entender essas nuances tendo como interpretação o realismo e o entendimento de que a fronteira é um espaço de fricção sendo necessárias medidas de segurança e ações dos Estados Nacionais, para ter um exemplo concreto sobre isso será analisado ao longo do desenvolvimento dos atores territoriais.

Palavras- Chave: Estado; Fronteira; Campo de Forças.

Resumen

La frontera está diseñado en teoría ratzeliana como órgano periférico del estado a pesar de su connotación orgánica propuesta por el geógrafo geopolítico alemán Ratzel demuestra la importancia de este espacio en la constitución del territorio donde se establece de hecho un campo de fuerzas que trabajan por y en contra de los espacios nacionales constitutivos por lo tanto, es una característica de la formación en virtud de ser el punto de encuentro de diferentes puntos fuertes, en este caso, que se refiere a los estados. La protección, el control, la proyección, el mantenimiento son parte de este repertorio de su constitución y de origen y siguen apareciendo en las virtudes existentes de diversos fenómenos en este espacio de contacto. Nuestro objetivo es entender estos matices con tanto realismo interpretación y la comprensión de que la frontera es un espacio de fricción de ser medidas y acciones de los estados nacionales de seguridad necesaria, para tener un ejemplo concreto de esto será considerado en todo el desarrollo de los actores territorial.

Clave palabras: Estado; frontera; Fuerza de ventas.

Introdução

A fronteira nunca foi tão comentada nos períodos atuais em função do avanço da globalização, sentido esse que tem como objetivo propagar a ideia de fim de sua existência em nome de mercado homogêneo global. Seu estabelecimento está diretamente ligado às ordens existentes no espaço geográfico, ou seja, nas ações geopolíticas dos Estados, sobretudo, que fortalecem ou pregam mesmo sua flexibilidade em função do momento vivido pelo processo de Globalização.

A fronteira, portanto, deve ser compreendida de forma pluralizada em função de seu caráter estratégico para os Estados e está diretamente ligado à sua existência, proteção e manutenção desses entes, deste modo, pensar somente e sua derrubada, ou em novas funções

retrata somente uma compreensão parcial de sua realidade. Nesse sentido, o objetivo é compreender uma função primordial de sua constituição que está inserido no âmbito da segurança, proteção e fricção de contendas tendo como contexto a realidade de nossa fronteira, sobretudo, a Amazônia onde esse fenômeno pode ser mais visualizado.

Compreender a fronteira de forma geopolítica é na realidade entender as formas de ação e estratégias utilizadas pelo nosso país diante de suas necessidades internas e externas sendo portanda fundamental para compreensão do espaço geográfico brasileiro dentro da perspectiva da geopolítica. Para interpretação desses fatos, têm-se como norte, os pensamentos e análises de Meira Mattos e Everardo Backeuser que nortearam a nossa análise com os demais autores ligados ao tema, e tendo como método o realismo pragmático que se baseia pela realidade existente, em vista o cenário existente do continente e do país diante das questões relacionadas à fronteira.

Para a compreensão da fronteira é necessário adentrar-se de sua funcionalidade, ou seja, os elementos que a constituem sendo partes essas fundamentais da análise espacial, é nesse sentido que se busca seu entendimento como são presentes as questões relacionadas à segurança do qual é parte a fronteira sendo o ícone de um Estado Nacional apensar de muitos críticos falarem no fim das fronteiras, no entanto, esquecem que suas derrubadas só fortalecem o aparecimento de outras e que as funções primordiais reaparecem quando o contexto exige sua necessidade e presença. Para Albuquerque e Oliveira Cesar (2012) A questão da abolição das fronteiras é relacionada à questão da ideologia neoliberal atual.

A Fronteira como campo de forças de fricção

A fronteira para os povos primitivos segundo Martin (1994) era o limite estabelecido entre a propriedade comunal e o desconhecido, portanto, tendo uma concepção móvel já que os povos estavam em constante movimento. Precedendo esse momento ao longo do processo de organização social surgida pela centralidade de poder de muitos povos que resultará nos grandes impérios, temos as seguintes concepções como no caso chinês uma fronteira de proteção contra a invasão bélica na contenção de bárbaros.

No império romano observamos um caráter de acordo ainda com Martin (1994) solene e determinado. Backeuser, (1952) aponta os vazios ecúmenos e os acidentes geográficos, delimitava a ação do império romano e por sua vez suas fronteiras e suas partes constituintes. Numa simbiose entre religião e política a fronteira Inca constituía-se pela própria organização da

sociedade através de limites constituídos pelo mundo vivido e espiritual. A atuação da igreja católica é o estabelecimento de seus limites e ações fortalecerá o preceito de fronteiras que servirá aos Estados Modernos, entretanto, com um caráter político.

Ratzel *apud* Moraes (1990) aponta algumas características que no final do Século XIX, irão refletir na constituição dos Estados Modernos no Século XX, sendo assim, algumas premissas como o Estado nunca está em repouso, portanto, os Estados querem serem cada vez maiores, a incorporação de áreas ocorrem em função das forças existentes entre eles que refletirá em seu expansionismo. As fronteiras são órgão periférico dos Estados, o suporte a fortificação de seu crescimento estando constantemente em movimento avanço e recuo.

No mundo atual, propaga-se a ideologia pelo fim das fronteiras como apontada Fukuyama (2005) que passa acreditar em Estados Internacionais, ou seja, Estados-Blocos onde a União Europeia seria a sua forma concreta para onde caminha o mundo, por sua vez, o fim das fronteiras estatais, entretanto, observa-se algumas finalidades existentes presentes na ideia de fronteira mesmo com o surgimento de blocos econômicos que não aboliu suas funcionalidades como visto em Backhuser (1952) como distinguir o meu do teu, proteger o território nacional, isolá-lo, facilitar-lhe o intercâmbio.

De acordo com Raffestin (1993, p.168) “Se as fronteiras passam por fases de funcionalização ou de disfuncionalização, isso em geral é determinado, ou comandado, por modificações socioeconômicas ou sociopolíticas”. Essa análise deve ser compreendida que o momento atual não é imutável devido à história não ser algo linear e ao mesmo tempo previsível e muito menos a ação de seus atores e Estados territoriais dependendo dos interesses que estão em jogo na arena internacional e de seu contexto regional.

Na diversidade desse tema e suas diferentes interpretações a fronteira ainda é entendida para um teórico como Nogueira (2007) em três diferentes dimensões tendo como ponto de partida a percepção espacial, sendo assim, uma dada pelo controle do Estado que a denominada de fronteira controlada onde as ações do Estado fazem presente pelo controle fiscal, órgãos públicos, políticas territoriais, uma fronteira controlada com todo o aparato de vigília, proteção através do policiamento sobretudo onde a ilegalidade deve ser combatida, a proteção contra o inimigo de fora a uma possível retaliação não necessariamente de um outro Estado, mas de uma guerrilha, tráfico de ilegalidades que afrontam as leis de cada Estado, portanto, podendo chegar até o ponto de cooperação mútua, tratados ações temporárias para combater atos ilícitos.

Numa percepção existencial a fronteira conforme Nogueira (2007) é um espaço vivido das pessoas que o compõem onde o cotidiano resulta em necessidades básicas da vida comum e outros elementos que compõem a vivência das pessoas na grande maioria das vezes essas nuances não são vistas em função das escalas geográficas interpretativas geralmente macros não demonstram os problemas e necessidades dos espaços dos lugares que devem servir também de análise do poder diante de um micro espaço que passa sobretudo a ganhar importância na geografia política.

Em outra perspectiva conforme Machado (2000) a fronteira como área de atuação do Estado, povos, cooperação, de ações como se observa conforme abaixo

Se for certo que a determinação e defesa dos limites de uma possessão ou de um Estado se encontram no domínio da alta política ou da alta diplomacia, as fronteiras pertencem ao domínio dos povos. Enquanto o limite jurídico do território é uma abstração, gerada e sustentada pela ação institucional no sentido de controle efetivo do Estado territorial, portanto, um instrumento de separação entre unidades políticas soberanas, a fronteira é lugar de comunicação e troca. Os povos podem se expandir para além do limite jurídico do Estado, desafiar a lei territorial de cada Estado limítrofe e às vezes criar uma situação de *facto*, potencialmente conflituosa, obrigando a revisão dos acordos diplomáticos. P.1

A ação do Estado é um fato decisivo na consolidação das fronteiras através das políticas territoriais que incidem diretamente nos demais países limítrofes, outro elemento constituinte do Estado que interfere na constituição das fronteiras e de seus Estados é o conjunto de sua população que é representado pelo seu peso demográfico. O peso demográfico foi pensado como estratégia geopolítica para a ocupação da fronteira amazônica através da teoria dos Polos de atração (Figura 1)

Carlos de Meira Mattos

A geopolítica e as projeções de poder.

[Vantagens da Integração Sul-americana]

“Cada um de nossos países incorporará à sua fronteira econômica novas e valiosas extensões geográficas, arrancando-as do sono milenar que as entorpece. Nossa Sul-América adquirirá nova personalidade, acordando para a era de sua continentalidade; acrescentará muito em poder.” (MATTOS, 1977, p. 18)



Figura 1 – Polos de Desenvolvimento -Fonte: <http://slideplayer.com.br/slide/5619735/>

No caso brasileiro o General Meira Mattos partindo da teoria da pressão demográfica das fronteiras diante dos países limítrofes propõem a criação de áreas interiores de intercâmbio fronteiriço ao mesmo tempo, que, pressionaria os países vizinhos e suas respectivas fronteiras a influência Brasileira teria sentido nesses territórios. Essas grandes áreas eram denominadas por ele de arcos fronteiriços, um localizado em Roraima em direção a Colômbia, Guianas, e Venezuela e outro com centrado na cidade de Tabatinga indo em direção ao Sul da Colômbia e ao Peru o último sendo em Rondônia tendo suas ações em direção ao Peru e a Bolívia. De acordo com Mattos (1980) deveriam ser utilizada as seguintes estratégias diante dessas áreas.

Deveriam receber absoluta prioridade nos projetos nacionais de transportes, de telecomunicações e de incentivos econômicos para a produção, de sorte a virem a constituir nas pontas-de-lança da frente fronteiriça de abordagem da Pan-Amazônica. Seu efeito dinamizador se irradiaria por toda a periferia, alcançando diferentes países. (MATTOS 1990, p. 156)

Alguns exemplos são clássicos nesse sentido como os casos do Estado do Acre incorporado ao Brasil pelo Tratado do Petrópolis sendo incorporado em 1903 do qual a “entrada” de brasileiros de forma ilegal no território brasileiro resultou na “perda” de seu território para o Estado brasileiro.

Outros exemplos de estratégias geopolítica através de contingentes demográfico é visto na parte ocidental da Amazônia, entretanto, por iniciativa Colombiana tendo como objetivo a segurança da posse do território e a influência da Colômbia na zona de fronteira.

A constituição da cidade Letícia (e sua elevação a essa categoria) teve como estratégia pressionar os países limítrofes no primeiro momento pela estratégia demográfica (60% da População desse Departamento vive na Capital) contra o Peru devido ao Conflito na Zona do Trapézio ocorrido em 1932⁵ na Tríplice Fronteira com o Brasil, Peru e Colômbia.

Outros elementos servem como forças motrizes na fronteira que são constantemente monitoradas por seus estados com maior ou menor grau de acordo com interesse de seus países, dependendo da concepção significado, contexto histórico, momento político, atividade econômica, grau de aproximação e distanciamento elas podem variar tendo um caráter mais maleável ou rígido.

O policiamento a vigília devem ser vistas como a presença do Estado em seus limites e ao mesmo uma informação, emissão de ideias que a presença desse ente se faz presente em uma possível agressão e ao mesmo tempo é um elemento de persuasão e poder diante das demais fronteiras estabelecidas (um aviso).

Diante dos fenômenos atuais a ideia de espaço único sem barreiras e espaço dos fluxos Santos (2000) de natureza restritiva é privilegiado diante do espaço banal apresentado como o espaço de todos das horizontalidades onde a presença não só das atividades econômicas estão presentes. Classificamos esse espaço do fazer, possibilidades, existências e espaço real de todos do qual as verticalidades estão presentes.

É através dessa percepção que conseguimos visualizar outras facetas das ações dos atores que ficam mais visíveis como a dos Estados Nacionais que apesarem de terem incorporado

⁵Esse fato é relacionado ao Conflito na Zona do Trapézio do qual localiza-se a cidade de Letícia Capital do Departamento do Amazonas ocorrido entre 1932 e 1933 onde resultou na tomada de Letícia pelas elites peruanas promovida pela Província de Loreto. Finalizou-se o conflito com a devolução de Letícia para a Colômbia e o reconhecimento do Peru como área pertencente aos colombianos.

novas demandas ainda mantêm seus interesses que incidem diretamente numa abertura maior ou menor de suas fronteiras (porosidade) para os demais atores territoriais (atores internacionais).

Nesse sentido compreendemos que temos uma revitalização das fronteiras uma nova vida ou uma nova função que deve ser agregada para sua compreensão esse fato não suprime o fim de algumas funções como seu controle, proteção e seu caráter ficcional que para muitos foi abolido com a onda da ideologia do derrubamento de todas as barreiras no mundo nada mais enganoso.

Nogueira (2007) observa que os diferentes agentes territoriais na fronteira agem de forma diferenciada de acordo com seus projetos

De modo simples, porém bastante esclarecedor, Guhl (1991), estudioso da formação das fronteiras colombianas, observa que a fronteira é vista de modo diferente pelo colono, pelo capitalista estrangeiro, pelo geógrafo ou pelo político; e o militar a avalia de modo diferente do contrabandista ou do patriota de boa fé; mas todos estes pontos de vista são forças ativas diferentes intensidades que fluem sobre o espaço e suas fronteiras políticas de acordo com tempo. (NOGUEIRA, 2007, p. 55).

Esse fato é esclarecedor para pensarmos que a fronteira é constituída por um conjunto de forças de diversas naturezas dada por atores sintagmáticos conforme Raffestin (1993) onde projetam seus interesses. Ao pensar na formação dos atores e suas atuações e possíveis repercussões Rodrigues (1947) aponta e reforça a ideia de *Natureza Conflitiva* das fronteiras pontuadas em alguns pontos nefrálgicos denominados por ele de *Punctum Doléns*.

Os pontos dolosos ou de *Puctum Dolens* ainda permanecem em nosso território como um campo de forças constituído por novos atores territoriais e antigos como nos protagonismos das políticas territoriais produzidas pelos Estados. Essa afirmação vai de encontro de um cenário que encontra-se através da ilegalidades feitas nesses pontos, a existência de um mosaico de atores como populações indígenas, forças armadas de vários países, usos diferenciados do solo, processo migratório, atuações de políticas territoriais os tornando como um conjunto de campos de forças que constituem o fenômeno da fricção teremos como respaldo pra esses fatos o teórico geopolítica que estabelece quatro Leis, entretanto, pensamos que somente duas delas ainda são pertinentes para compreender essa acepção.

A Lei da fricção estabelecida por Backeuser (1952) ao analisar a fronteira como foco de tensões a faixa fronteira é sempre uma zona de atritos (fricções) entre os Estados confrontantes, na qual se podem encontrar germes de futuras flutuações da linha limítrofe. Além dos processos

migratórios temos como exemplos como já citado a entrada da guerrilha colombiana em nosso país, pressões na tríplice fronteira com o processo de migração peruano na fronteira Brasil, Colômbia e Peru na cidade de Tabatinga, pressões relacionadas aos brasiguaios em direção à Bolívia e agora a migração em direção à província de Pando. Pressões em torno do garimpo em direção à região Amazônica setentrional em busca de garimpos. A esse respeito é visto o seguinte quadro referente à transposição dos problemas fronteiriços que ultrapassam a esfera brasileira com outros países.

A última Lei observada por esse teórico e que achamos ainda pertinente e vigente é constituída pela pressão: a pressão que se exerce nas fronteiras é função da vitalidade ativa relativa aos confrontantes e dos elementos de força a sua disposição aqui se refere não só ao poder econômico, mas cultural, político, militares existentes esse no sentido de persuasão e ao mesmo tempo de reação as possíveis ameaças que podem surgir.

Nessa composição Backeuser, (1952) apresenta a seguinte equação que em nossa visualização abarca todas as demais em torno da seguinte equação para esse conjunto de fatos pela fórmula $P=V.F$, na qual, P significa pressão na fronteira, V, vitalidade do Estado (coeficiente composto por vários fatores) e F, a força de disposição do Estado (composta, também de vários elementos).

Refletindo, de acordo com a colocação do geopolítico as políticas territoriais por si já colocam o caráter geopolítico dos Estados que chegam até as suas fronteiras através de suas ações e pretensões, a forma como é composta essa política dará um caráter fortalecedor e vitalidade ao Estado nacional e potencialização de sua fronteira, sendo sua ação diversificada em vários âmbitos do político, cultural, ideológico, etc. A força terá como constituição todos esses elementos não se resumindo somente a seu aspecto bélico que é parte constituinte que, no entanto, por si não a fortalece, mas a protege em determinado grau de influências que devem ser sentidas diante de políticas mais fortes de outros Estados.

Conclusão

A fronteira adquire inúmeros significados no final do Século XX e início desse século essa nova compreensão passa pelo processo de globalização atual, sendo assim, surgem novas vozes em torno do seu desaparecimento, amaciamento. Uma concepção que está diretamente

ligada à ideia de Aldeia Global e ao mesmo tempo a unificação de mercados. O que se observa na realidade é a derrubada de muitas fronteiras e ao mesmo tempo o aparecimento de novas em função das novas organizações espaciais capitaneadas pelos Estados e grandes capitais.

Na concepção de mundo homogêneo as contradições espaciais parecem sumir e junto com ela a ideia de geopolítica há muito tempo demonizada por vários críticos, entretanto, o que se observa é que esse processo é parte de um discurso onde às estratégias geopolíticas são constituídas por ideologias a favor sempre de interesses estatais e mercadológicos daí a falsa ideia e ao mesmo tempo a pressão de abertura de fronteiras nos países periféricos.

As contendas territoriais, a dessimetria do poder constituído nos espaços geográficos reforça o caráter da fronteira em diferentes concepções dentre elas da qual é originária o de proteção, controle e ao mesmo tempo de ação e prevenção do Estado. Mesmo nos Estados que se encontram no contexto de paz a fronteira é uma área específica da atuação dos Estados sendo seu centro nervoso.

Todos os tipos de fricções serão sentidos em sua constituição que nada mais representa a disputas estabelecidas dos interesses existentes dos Estados já que ela representa uma área prioritária para sua existência, proteção e aspirações. Essa caracterização é clara numa região como Amazônica pelo conjunto de forças estabelecidas no *Heartland* caracteriza como uma fronteira de proteção e ação pelas ações tomadas recentemente pelo Estado brasileiro.

Referências

ALBUQUERQUE, E. S.; OLIVEIRA CESAR, T. R. A. As fronteiras na era da globalização e os novos rumos da Geografia Política. **Sociedade e Território**, n. 2, p. 209 - 222, jul./dez. 2012.

BACKEUSER, E. **Geopolítica Geral e do Brasil**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1952.

FUKUYAMA, Francis. *Construção de Estados*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

MACHADO, L.O. Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade. *Revista Território*, Rio de Janeiro, n. 8, p.9-29, 2000.

MARTNI, André Roberto. *Fronteiras e Nações*. São Paulo: Contexto, 1994.

MATTOS, C. M. **Geopolítica e Teoria de Fronteiras**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1990.

MORAES, Antônio Robert. Ratzel. São Paulo: Ática, 1990. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

NOGUEIRA, R. J. B. Fronteira: Espaço de Referência Identitária? **Ateliê Geográfico**, n. 2, p. 27-41, dez. 2007.

RAFFESTIN, Claude. Por Uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, Ática, 1993.

RODRIGUES, L. A. **Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: Edição da Biblioteca Militar, 1947.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 2000